





columnas

[CAROL GARCIA]

Jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e doutoranda no mesmo programa. Diretora científica da Modus Marketing e Semiótica com vasta experiência internacional como *cool hunter*. Repórter especial de *L'Officiel Brasil*. Coautora do livro *Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos* (Anhembi Morumbi, 2005).
E-mail: carol.garcia@modusmkt.com

Por uma geopoética de armazéns e refúgios¹



[10]

Parece piada, mas eu me lembro como se fosse ontem. A sobrinha da comadre de uma amiga, que devia ter uns 4 ou 5 anos, perguntou-me candidamente se as galinhas nasciam no supermercado. Embaladas para presente, esquarterjadas a vácuo. Imaginei Huguinho, Zezinho e Luisinho, meus companheiros de infância, crocantes na televisão de cachorro, para *delivery*. "Eles são patos. Só existem nos quadrinhos, em desenhos animados e na Disneylândia", a garota argumentou. E, cruel como só as crianças sabem ser, ela continuou me interrogando. Queria saber como era um chester. Sabe, um chester de verdade, de boa marca, registrado na Anvisa². Silêncio sepulcral. Que dizer de uma ave que eu mesma nunca havia visto andando com as próprias pernas! (Você conhece o chester pessoalmente? Já viu fotos dele circulando por aí? Vídeos no YouTube?). Galinhas, sim, sou capaz de apontar várias, embora nem sempre o reconhecimento venha de encontros no supermercado. Confesso que tive vontade de revelar que, na verdade, trata-se de frangos travestidos com vitaminas e hormônios que os deixam fofinhos e tenros como requer a publicidade. Mas preferi ponderar com aquela estúpida arrogância de adulto: "Quando eu tinha a sua idade, os vizinhos criavam galinhas, e era normal elas saltitarem pelo quintal da gente de vez em quando". "Quintal?" A menina arregalou os olhos outra vez. Eu me senti perdida para sempre num oceano de condomínios fechados, TVs interativas e outras imagens *prêt-à-porter*.

Num momento em que a tessitura das relações humanas nas grandes urbes é resultante de uma complexidade de arabescos que inclui galinhas nascidas no comércio e aves que têm vergonha de mostrar a cara em público, onde será que voam os passarinhos? O Google Earth que o diga. Resolvi levar a enquete até o buscador mais pop do planeta para argumentar melhor com a geração on-line. Digitei uma fórmula que sempre me auxilia quando estou fundindo a cuca: "Serra Azul". Serra Azul, distrito de Mateus Leme, é um vilarejo mineiro de contornos drummondianos³, que vez por outra empresto do imaginário alheio para construir o meu próprio⁴. Foi quando descobri que, vista de cima, a Terra ainda pode ser verde (tente você mesmo). Na tela se vê claramente um pontinho verde cercado de ameaças cinzentas por todos os lados. Os tucanos que comem abacates por lá sabem muito bem que a mata, assim como os frangos caipiras, está virando miragem. Mas talvez vertigem ainda mais impressionante seja vislumbrar um comércio que inspira o visual merchandising contemporâneo plantado no coração desse pequeno distrito, bem em frente à igreja matriz. O caso, como convém às prosas nascidas nas Minas Gerais, é comprido. Mas insisto em contar – para a garota e para você – que nem tudo que vemos é de plástico ou tem sabor artificial de baunilha.



Armazém de Ronaldo Leocádio em Serra Azul: ponto de encontro de fábulas.

Em sua obra *Cidade e alma*, o psicólogo James Hillman explica, melhor que eu, quando sugere um "imaginar de valores da era dos lugares" (HILLMAN, 1993, p. 64), com um movimento do rápido e fácil para o devagar e interessante. A vida naquelas bandas escorre devagarinho, mas com uma firmeza impressionante. Assim, não é espantoso dizer que o desfile de ingredientes rurais e a paisagem estonteante das montanhas que dão nome ao lugar fazem jus à prosa de Ronaldo Leocádio de Lima, orgulhoso proprietário do Armazém do Leocádio. A venda, na verdade, é fachada para uma fazendola no estilo do Sítio do Picapau Amarelo, herança de família. E o dono do estabelecimento é uma verdadeira enciclopédia de possibilidades, antena da memória coletiva da cidade. Novelesco, vivaz e, para delícia de seus clientes, eloquente, Ronaldo congelou o mundo e fez de Serra Azul sua própria Macondo⁵. Acho que foi ele que inventou o termo confabular, ou seja, fabular junto.

Para tratar de cachaça artesanal, linguiça caseira ou requeijão de cortar, o clima é de conspiração. É só encostar a pança no frio do mármore que envolve chouriços e jacarés (a parte rechonchuda do toucinho de barriga, explica ele), estender as narinas na direção dos cigarros de palha e deixar-se aspirar pela poeira do lugar que a prosa rola solta. O comerciante fabulador rapidamente saca velhas fotografias, muitas das quais mostram seu próprio intento de se tornar moço de vanguarda, com direito a cabelos longos e calça boca de sino, no melhor estilo anos 1970. Foi nesse tempo que virou advogado, perambulou por outras bandas, coletou umas histórias, inventou outras tantas e retornou a Serra Azul para nos brindar com elas.

Não há jeito de sair de lá, mesmo depois de ir embora. Ronaldo nos vende vínculos afetivos, e é esse sentimento que nos move na direção da montanha e de seu comércio a cada domingo disponível. Dividindo sua vida com a clientela, ele pontua que os bens podem funcionar como um boletim informativo dos acontecimentos: internos e externos. Os artigos pendurados nas teias de aranha e nas prateleiras maciças, aparentemente comuns até para os gatos que nos miram do alto de barris, apontam como a troca de informações é fundamental para adquirir um novo olhar sobre o mundo que nos acolhe. Isso porque estabelecem um vínculo comunicativo entre o viajante, a região e a cultura mediante o redesign estratégico de causos e histórias. Não se engane, caro leitor: o principal ingrediente à venda no Armazém do Leocádio é a fantasia.

Hillman (1993, p. 62)⁶ esclarece precisamente que "os lugares tendem a nos lembrar histórias, diferenças étnicas e terrestres, que não podem ser homogeneizadas nessa mesmice universal das nossas utopias contemporâneas, o lugar-nenhum de



qualquer lugar dos shopping centers e das vias que a eles nos levam e que deles nos trazem". O Armazém do Leocádio, na mítica Serra Azul – aquele pontinho verde no Google Earth – é um lugar que nos fala de imagens individuais e coletivas, internas e externas, sobrepostas em vasos intercomunicantes. Ali devoramos contato, proximidade e afeto: coisas que não estão à venda no hipermercado do bairro. Ah, e que falta fazem nessa urbe incrível! Quer ver só?

Mimese

Voltemos para uma vida recheada de quintais, empórios e galinhas assadas de domingo. Como o assunto inclui uma aproximação direta com os melindres do paladar, aproveito para dizer que Heloísa Bacellar é uma de minhas *chefs* prediletas. E o que é que você tem a ver com isso? Assim como Ana Luiza Trajano, do restaurante Brasil a Gosto, ou Alex Atala, quando à frente do Dalva e Dito, Heloísa é daquelas que fazem a frase "comer com os olhos" vibrar os garfos de quem adora marmitta brasileira. O afã é especialmente ardoroso em sua nova aventura: o misto de empório, restaurante e armário Lá da Venda, uma pérola de visual merchandising com espírito *vintage*, lembrando que o termo moderninho quer mesmo é falar da melhor safra. Autora de receitas apetitosas, como o *Cozinhando para amigos* e *Cozinhando para amigos 2: entre panelas e tigelas, a aventura continua*, ambos pela editora DBA, a moça anda chacoalhando as caçarolas bem fornidas da cidade de São Paulo, embalada pelo espírito de armazéns escondidos na memória, como aquele que Ronaldo Leocádio mantém em Serra Azul. As prateleiras misturam compotas de doces que namoraram horas um fogão à lenha, bolos caseiros com gosto de dia de chuva na casa da vovó e panos de prato adornados como se fosse domingo. Além de muitas e mimosas quinquilharias de respeito, daquelas inocentes e tradicionais. Guloseimas de várias vertentes, abertas ao trânsito entre centro e periferia, são espalhadas por um território de tesouros lúdicos. Hummm, Heloísa deixa as galinhas de supermercado com vontade de enfiar o pescoço no molho parodo.

É o escritor mexicano Fernando del Paso⁷ quem diz que, por mais que alguém se esmere nas palavras, é impossível devorá-las com todos os sentidos a que temos direito porque, bem melhor que este texto, é a vida: real e de viés⁸. É de memória e tempo, aqueles que Ronaldo tem de sobra e qualidade, que Heloísa impregna sua loja antes de encravá-la no espírito boêmio e pop da Vila Madalena. Uma memória que não é fácil encontrar, um tempo que está difícil desfrutar. Fabricar e manter, menos ainda. Mas há quem o faça, para alegria das meninas travessas cuja imaginação é bem maior que as gôndolas dos hipermercados. Passemos, pois, às razões que levam ao sucesso urbano lugares tão miméticos como o Lá da Venda. De modo geral, o estabelecimento seleciona produtos que compartilham imagens interioranas – identitárias, relacionais e históricas, conforme propõe Augé (1997, p. 73) na sua concepção de lugar. Tais artigos circulam memórias e fantasias particulares, documentados por uma ambientação visual que, de certa forma, os autentica. Para salpicar de estrelas e amor as noites de sexta, regar com cerveja e amigos as tardes de sábado e chacoalhar numa rede o dia inteiro no domingo, contando galinhas no quintal. Depois, sair assobiando pela cidade grande com aquela cara de gato que comeu passarinho. Note bem: pas-sa-ri-nho. Não chester. Anote os endereços e... vá já!



Fotos: Patrick Arley

NOTAS

^[1] Este texto foi concebido dentro do meu coração para Ana Garcia Marques e seu pai, cujo amor por Serra Azul sempre será parte de mim. Obrigada, meu bem, por compartilhar comigo um pedacinho generoso da sua toca. Como diria Zé Rodrix nas trilhas sonoras de 33 rotações, contigo aprendi que "eu quero uma casa no campo". Viste?

^[2] Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

^[3] O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, cuja obra recomendamos, descreve com singeleza sublime as cidadezinhas de sua terra natal.

^[4] Saborear esse tipo de devaneio sensorial requer procura, teimosia, curiosidade e devoção. Logo, está mais próximo de um passeio pela noosfera da qual nos fala o filósofo francês Edgar Morin. O conceito de noosfera foi desenvolvido por Morin referindo-se especialmente ao ambiente "das coisas do espírito, saberes, crenças, mitos, lendas, idéias, onde os seres nascidos do espírito, gênios, deuses, idéias-força, ganham vida a partir da crença e da fé" (2005, p. 44). A noosfera engloba o domínio da imaginação, do homem e da criatividade: compreende o desenvolvimento de idéias consensuais e conceituais acerca da vida adotada pela coletividade e pelo indivíduo, na qual memória e tempo são fundamentais.

^[5] Não é de se subestimar a literatura, mas confesso que Macondo, criada pela imaginação de Gabriel García Márquez, é fichinha perto de Serra Azul.

^[6] Vale salientar que o autor caracteriza e diferencia lugares de espaços, sendo os primeiros concretos, limitados por um nome e uma habitação que nos fornecem imagens. Diferentemente, os espaços – como o Google Earth – para ele são conceitos abstratos, de representação geométrica e cartográfica, capazes de delimitar um "tipo de espírito formal na mente" cuja alma fugidia constantemente nos escapa, a exemplo dos "não-lugares" de que nos fala o antropólogo Marc Augé (1994).

^[7] Na introdução da bela obra *La cocina mexicana*, plena de receitas de dar água na boca, Del Paso salienta que se limitou a escrever os textos, concedendo o mérito do livro à cozinheira, sua esposa Socorro. "Eu me limitei a escrever os textos, mas os textos, por bons que sejam, não se comem" (2008, p. 9, tradução nossa).

^[8] O termo foi furtado de Rogério Marques que, por sua vez, tomou-o emprestado de Caetano Veloso.

^[9] Patrick Arley é fotógrafo e antropólogo. Atualmente, cursa Mestrado em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais.

[13]

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. *L'impossible voyage: le tourisme et ses images*. Paris: Payot & Rivages, 1997.

DEL PASO, Socorro; DEL PASO, Fernando. *La cocina mexicana*. México: Punto de Lectura, 2008.

HILLMAN, James. *Cidade & alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

VISITE

Armazém do Leocádio
Avenida Getúlio Vargas, 617
Distrito de Serra Azul – Mateus Leme – MG

Lá da Venda
Rua Harmonia, 161
Vila Madalena – São Paulo – SP